

AILTON CESAR RIBEIRO

PORTFÓLIO:

A produção de uma *expoesis* no contexto escolar do
Ceeja “Presidente Tancredo Neves”, na cidade de Bauru (SP)

BAURU, 2018

1. Resumo

Este Portfólio apresenta o desenvolvimento e os resultados do projeto da exposição escolar “Seja um poeta ou seja um poema, seja CEEJA”, com base no conceito de expoesis e por meio de oficinas individuais com os participantes, no contexto das comemorações do aniversário da instituição.

2. Introdução

“Seja um poeta ou seja um poema, seja CEEJA”. Esse pequeno verso, foi proposto como tema de uma exposição a alunos e funcionários do CEEJA “Presidente Tancredo Neves” (Bauru, SP), com dois objetivos principais: o de realizar uma mostra em que a comunidade escolar pudesse se conhecer melhor, se aproximar mais, ou ainda, se surpreender com histórias e poesias desconhecidas até então e, assim, reforçar princípios básicos da educação de jovens e adultos, principalmente no que diz respeito ao diálogo, ao respeito, à colaboração e à confiança entre alunos e educadores; e o de trabalhar com os alunos participantes as diversas linguagens artísticas, além de provocar reflexões sobre as inúmeras possibilidades de expressão nessa área.

Definiu-se dois caminhos, como apontado no tema: o participante ser um poeta e apresentar um trabalho artístico; ou, para aqueles que não se sentissem aptos a produzir uma obra de arte, apresentar um relato sobre sua vida, seus sonhos, realizações etc.

Contudo, devido à complexidade inerente ao ser humano, surgiram sim poesias de poetas, mas também surgiram poetas que não sabiam ser tão cheios de poesia. Durante duas semanas de entrega de trabalhos dos alunos, a equipe de Arte recebeu memórias, lirismo e delicadeza que compunham, pelo uso de imagens, palavras e objetos, verdadeiras instalações artísticas, onde os dois caminhos – ser poeta ou ser poema – cruzavam-se e enriqueciam a exposição.

3. Desenvolvimento

A fundamentação teórica para esse trabalho partiu do conceito de expoesis, que é uma exposição e, concomitantemente, uma criação poética que alinhava, por meio da própria arte, as obras expostas, um conceito, a arquitetura, entendida como qualquer espaço proposto e a expografia (CASTILLO, 2014). No caso específico do contexto escolar, também foi necessário buscar bases no âmbito das pesquisas sobre exposições escolares, a fim de adequar a proposta de expoesis, até então, um conceito pouco explorado no Brasil e restrito às mostras de arte contemporânea. Considerando que a execução de uma exposição escolar deve ser uma atividade planejada, como qualquer outra atividade dentro das escolas, com objetivos bem definidos e de acordo com os conteúdos curriculares trabalhados e seus respectivos objetivos de aprendizagem, o planejamento da expoesis se iniciou por um projeto, em que se procurou atender a esses tópicos.

Também, como inspiração, foi considerada a ideia de Museu da Pessoa: trata-se de um museu virtual e colaborativo de histórias de vida fundado em São Paulo, em 1991. Tem como objetivo registrar, preservar e transformar em informação histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade. No Museu da Pessoa, além de visitante, toda pessoa pode também tornar-se parte do acervo ao registrar sua história de vida, assim como também ser um curador, na medida em que pode publicar suas próprias coleções de histórias, imagens e vídeos. A missão do Museu da Pessoa é reunir depoimentos que transformem as histórias de vida de toda e qualquer pessoa, anônima ou não, em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e povos. As histórias não são integradas de um caráter investigativo ou estabelecimento de leis; têm por intuito esclarecer e descrever acontecimentos vividos. Tal conceito se encaixou na proposta, como será visto adiante.

O primeiro passo foi compreender os princípios do ensino em uma instituição voltada para a educação de jovens e adultos, ainda mais em um centro de educação desse tipo, onde os alunos se matriculam em uma disciplina de cada vez, assistem uma aula inaugural para cada matrícula e partem para o estudo individual dos materiais (livros e vídeos), contando com professores, diariamente, para tirar dúvidas, receber orientações e realizar avaliações progressivas, ou seja, não têm uma convivência

de tantas horas com a escola e os professores, como acontece nas escolas regulares. A conclusão foi que se trata de um método de aulas semi-presenciais, com horários flexíveis e voltado, principalmente, para aqueles que trabalham e que não teriam tempo para a frequência necessária em um regime presencial de aulas. Quanto aos princípios, em resumo, são os da Contextualização, em que se traz para a sala de aula o cotidiano do aluno e, conseqüentemente, os assuntos de seu interesse; o da Especificidade Escolar, que reforça a importância da escolarização, ou seja, a natureza da escola deve estar presente, com seus objetivos pedagógicos e conteúdos curriculares; e, finalmente, o Princípio da Significação Operativa, que parte da contextualização, mas se aprofunda e busca o sentido do porque se faz algo, ou se estuda algo (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2002). No aspecto legal, a resolução CNE/CEB n.º 1/2000, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, destacando que o perfil dos alunos e sua faixa etária devem ser consideradas no processo de ensino e aprendizagem e que o modelo pedagógico deve assegurar:

- equidade: distribuição específica dos componentes curriculares, a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades em face do direito à educação;
- diferença: identificação e reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada um e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2002, p. 17.

A história desse tipo de educação, no entanto, revela uma face mais ligada aos interesses econômicos do que educacionais (SAVIANI, 2005). Ainda que todos os projetos da EJA surgiram do intuito de recuperar o direito à educação daqueles que não puderam completar seus estudos, houve sempre muita influência do poder dominante de cada época em que se tentou implantar o modelo mais viável em determinada conjuntura. Por mais nobre que pareça nas linhas da lei, a EJA sempre atendeu a dívidas sociais, como a necessidade dos jovens trabalharem cada vez mais cedo por conta de crises econômicas, por exemplo, ou atendeu a dívidas educacionais, aliás, segundo várias pesquisas na área, a evasão escolar acontece pela ineficácia do sistema em incluir verdadeiramente o aluno no processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, acaba por ser sempre um projeto emergencial para atender aos problemas gerados por políticas governamentais equivocadas e ligadas ao interesse de grandes grupos (SAVIANI, 2005). Aliás, esse caráter faz com que seja sempre um projeto desvalorizado, com pequenas verbas e, além de tudo, incerto, pela quantidade de mudanças que abarca, ao sabor do vento das necessidades de mercado.

Existe ainda a complexidade desse grupo atendido por centros como o CEEJA de Bauru, pois é formado por indivíduos de histórias de vida, origens e expectativas diversas. No cenário construído anteriormente, torna-se uma tarefa árdua um professor, ou mesmo uma equipe gestora, dar conta de compreender essa heterogeneidade e atender aos desejos e expectativas desses alunos, que variam, segundo pesquisas, entre novos planos para o futuro, diante das dificuldades financeiras, ou seja, a educação é a grande esperança para se mudar de vida; a recuperação da autoestima pela realização de terminar os estudos; a necessidade de conseguir uma colocação melhor no trabalho; a própria busca por conhecimento, entre outros fatores (GADOTTI, ROMÃO, 2011). O trabalho, inclusive, é sempre presente nesse contexto, de uma maneira bastante injusta, se observarmos o que ocorre historicamente no Brasil: primeiro, abandona-se a escola pela necessidade de trabalhar, depois, vem a constatação de que a baixa escolaridade não permite melhores colocações profissionais. Logo, volta-se a estudar, provavelmente, em algum projeto de EJA. E o que era esperado não acontece, pela falta de uma formação adequada que atinja às expectativas de um mercado cada vez mais exigente. Outro desafio vem se impondo a essa modalidade de escola: a chegada de jovens, resultante de problemas na educação de base brasileira. Por não se sentirem ambientados, principalmente, pela questão da faixa etária, tornam-se desanimados e se distanciam ainda mais do convívio na escola, mostrando, muitas vezes, um comportamento ríspido.

É urgente, portanto, repensar a forma como acontece a educação na EJA, o que seria tema para uma grande pesquisa, contudo, pode-se falar, em linhas gerais, que para a existência de uma verdadeira inclusão desses indivíduos na sociedade, é preciso que eles recebam uma educação como a

dos sujeitos que competem com eles no mercado de trabalho e em outras posições sociais, que seria o acesso aos conteúdos chamados clássicos (DUARTE, 2001), na conceituação da Pedagogia Histórico-crítica, mais notadamente dentro dos estudos de Demerval Saviani (SAVIANI, DUARTE, 2012). Apenas assim esses alunos serão instrumentalizados para seguirem adiante, de forma consciente, em condições de acesso dignas ao trabalho e à continuidade dos estudos em nível superior e mais, com condições de saírem da margem da sociedade.

Aparentemente, o que é visto nos materiais do governo atende bem a essa urgente necessidade de inclusão. Porém, o que se vê é sempre uma mudança no sistema EJA para atender determinada necessidade. Nos primeiros projetos de educação popular, era preciso alfabetizar para as demandas da industrialização. Quando se promulgou a Lei 5692/71, facilitou-se o ingresso no 2º grau técnico pela falta de mão-de-obra desse tipo. Aliás, toda a educação retornou a moldes técnicos, seja pelo conteúdo, seja pela metodologia pedagógica. Hoje, no discurso e nos materiais didáticos, há uma preocupação com uma formação mais ampla – fez parte deste projeto reunir o estudo dos materiais de Arte, já que eles são o centro da aprendizagem do aluno CEEJA – e, de fato, o conteúdo é diverso e segue a linha Sociointeracionista, que considera a relação dos conhecimentos do aluno com a cultura e com as produções artísticas, considera a formação completa em Arte (dança, artes visuais, música e teatro) e o ensino é baseado no tripé produção, apreciação e reflexão sobre arte. Apesar dos avanços na área de Arte e no geral, o currículo da EJA e as metodologias usadas ainda são voltadas para a formação do indivíduo para o mercado e não para a intelectualidade, a ponto de ele compreender as relações mais complexas da sociedade, conseguir transformar estruturas da realidade e perceber o seu papel nas relações de poder que regem o mundo, inclusive, o sistema educacional em que ele está inserido. É importante ressaltar que esse tipo de formação não é exclusividade da EJA ou mesmo do Brasil, o que fica evidente na teoria da “economização da educação” (OZGA, 2004), que consiste na formação de leis que submetem as políticas educacionais a interesses de grandes corporações, o que deixa de lado a formação intelectual do aluno, tirando a chance da construção de uma identidade e de uma autonomia dele e transformando-o em mão de obra controlada pelo poder. Porque sem o real domínio intelectual das práticas, sejam elas sociais ou produtivas, é difícil o trabalhador sair do ciclo vicioso da desigualdade proveniente das relações de trabalho impostas pelo poder dominante.

De acordo com a pesquisa e os objetivos apontados no projeto para este trabalho (cujo resumo foi enviado no ato de inscrição deste prêmio), foram então levantadas questões que surgiram de relações entre a experiência com o atendimento na sala de Arte, o diálogo com a equipe da disciplina de Arte e a pesquisa descrita neste relato: 1) Convivência rápida e sazonal entre docentes e discentes; 2) Necessidade de se estabelecer relações que atendam às determinações aqui descritas, no que diz respeito à importância de se considerar as histórias de vida, as experiências, as expectativas dos alunos etc.; 3) Necessidade de se estabelecer relações de confiança entre o público de jovens e adultos e os educadores, para favorecer a aprendizagem em uma realidade em que a baixa auto-estima se faz presente entre os alunos; 4) Pela especificidade do público, demanda de horizontalidade e não de verticalidade hierárquica; 5) No caso da disciplina de Arte, falta de motivação dos alunos para realizarem trabalhos práticos propostos nos livros da disciplina; 6) Dificuldade dos mesmos em compreender as diversas possibilidades de expressão artísticas; 7) O ciclo: desmotivação dos funcionários, diante do desinteresse dos alunos, provoca desmotivação nos alunos o que acaba por desmotivar os funcionários, principalmente, professores, que estão diretamente ligados aos educandos; 8) O desafio de montar uma atividade para as comemorações de aniversário da escola que não caísse na prática estereotipada de exposição escolar.

Levantadas essas questões, os eixos curatoriais criados foram: 1) A construção da identidade do aluno e dos funcionários; 2) O que é ser CEEJA?; 3) Histórias de vida e sonhos de funcionários e alunos; 4) A arte de ser poeta ou a arte de ser poema. Apesar da aparente inocência da abordagem dos sonhos, observando-se o público-alvo da exposição, percebeu-se que seria um tema instigante para despertar a vontade de produzir algo ou contar uma história para a curadoria, devido a conversas extraclasse, que revelavam, em muitos casos, uma necessidade do aluno ser ouvido e de expressar seus desejos e sonhos. Foram então listados todos os exercícios práticos dos cadernos de Arte CEEJA que pudessem estabelecer relações com os eixos curatoriais, com o intuito ou de aproveitar atividades em andamento, ou de propor para alguns alunos a atividade do livro associada à exposição e, assim,

mostrar que a dimensão pessoal de quem cria é o caminho mais usado para se criar obras artísticas, desde a liberdade ampliada pelas ideias da contemporaneidade (BARBOSA, 2003). Foi então realizada uma reunião com o coordenador e com o diretor da unidade. Ambos aprovaram a proposta e mostraram especial interesse na questão de incentivar a produção de trabalhos artísticos, uma carência da escola, como foi observado. Em seguida, foi feita uma chamada em todas as áreas de conhecimento da escola. O tema foi assim definido:

“Seja um poeta ou seja um poema, seja CEEJA”.

Partindo desse tema, o participante tem duas possibilidades de expor:

1. um trabalho artístico OU 2. um relato...

SOBRE ALGUM ASPECTO OU FATO DA SUA TRAJETÓRIA DE VIDA.

Sobre as linguagens, foi explicado na chamada:

LINGUAGENS

1. No caso dos trabalhos artísticos, onde você é o “poeta”, aceitamos poesias visuais, como pinturas, desenhos e esculturas, e a poesia escrita, na forma de poemas. Se sentir necessidade de se expressar de outra forma, venha conversar conosco, na Sala de Arte, para checarmos a viabilidade de exposição.

2. Se você resolveu que quer ser um “poema”, ou seja, vai se apresentar para nós por meio de um relato, fique à vontade para escrever. Vale a pena pensar – e conversar com algum professor de Português – sobre os gêneros textuais e literários e... soltar a imaginação!

Também foi definido que, no caso de alunos participantes, o trabalho, se selecionado pela curadoria, valeria uma avaliação em qualquer disciplina, o que foi devidamente conversado com os professores. Essa bonificação é uma prática comum na escola, já que os alunos permanecem pouco tempo na mesma e mostram não ter horas vagas fora dali, o que justifica o incentivo. No entanto, também estabeleceram-se como critérios de avaliação: fidelidade ao tema, envolvimento com o trabalho (incluindo a busca por orientação, o que foi bastante reiterado pelos docentes) e, nos casos de apresentação de obras artísticas, bom desenvolvimento da linguagem escolhida.

Do dia 03 de setembro, quando foi publicada a chamada, até o dia 28 de setembro, prazo final para entrega de trabalhos, foram recebidas 20 inscrições, sendo que 16 foram adiante e 9 foram aprovadas. Entre a segunda semana de setembro e o fim de semana que antecedia a abertura da exposição (08 de outubro), foi realizado intenso trabalho de entrevistas e oficinas para cada caso inscrito. Os trabalhos finalizados podem ser vistos no (ANEXO 1). Para cada caso, foi usada uma abordagem. Nos casos dos alunos Marcio Silva Carvalheiro e Rita Ferreira de Paula, que o foco acabou sendo a história de vida deles, foram realizadas duas entrevistas e mais uma ou duas reuniões de recolhimento de materiais para a montagem de instalações. Ambos descobriram, junto com a curadoria, serem poemas em pessoa. Assim se definiu que, para além do conceito de Museu da Pessoa, a expoesis, que levou o nome do tema, “Seja um poeta ou seja um poema, seja CEEJA”, faria do relato um material artístico e seria museu de arte e museu da pessoa concomitantemente. Também foram recebidos poemas em forma escrita e visual, prontos, sem que o aluno procurasse os professores para orientação. Como essa expoesis pedia por um mergulho na obra do artista e, conseqüentemente, devido ao tema, em aspectos da vida do mesmo, também foram realizadas entrevistas com esses participantes que foram os alunos Jeferson Rodrigo Bernardo e Yasmin Araújo, o professor Cid, de Língua Portuguesa e a estagiária da disciplina de Arte, Caroline Ferreira da Silva. Os alunos em questão e o professor Cid apresentaram poemas escrito e a estagiária, bem como este proponente, apresentaram, respectivamente, uma assemblage e um desenho. Todos foram integrados em instalações individuais (ANEXO 2). Novamente, foi ressignificado o que tinha sido proposto, porque não cabia na proposta dessa exposição apenas pendurar os poemas. Era fundamental que o visitante conhecesse mais profundamente os expositores, o que não é possível pela fruição ou simples observação de apenas um trabalho. Como equipe de arte, também havia a preocupação com a estética do ambiente e com a expografia, mas não sem um sentido claro, ainda mais no caso de um público que não costuma frequentar exposições. Além do mais, seguindo o conceito de expoesis, tudo deveria estar

alinhavado, algo como a exposição ser uma grande instalação onde existe uma poética, a linha que passa por todos os trabalhos.

Há uma semana da exposição, o mesmo processo foi feito com a ex-funcionária da escola, Gilma Oliveira de Mello, que apresentou uma série de pinturas, sendo que duas foram escolhidas pela curadoria para integrar uma instalação, com a funcionária em exercício do CEEJA, Rosana Cristina Rodrigues, que apresentou duas peças de crochê que integraram uma instalação própria para o artesanato que, em seguida, também recebeu os trabalhos da aluna Rafaela Andrade de Carvalho, que faz uma série de bijuterias e expôs suas pulseiras.

A necessidade de pequenas oficinas surgiram com as alunas Evany Gomes Tavares, Luciana Matsunaga e uma aluna que desistiu de participar, então, não será identificada. No caso da Evany, depois de uma entrevista e algumas conversas, revelou que fazia pintura e bordado em fraldas de bebê. Como ela estava matriculada na disciplina de Arte e estava estudando Arte Contemporânea, o professor supervisor teve a ideia de instigá-la a produzir uma pintura, usando como suporte o tecido da fralda. Contudo, a aluna, que é mãe de duas crianças com deficiência, trabalha e cursa o Técnico em Enfermagem, não teve tempo de desenvolver com dedicação a pintura e acabou optando, apesar das últimas tentativas de orientação, até mesmo pelo WhatsApp – cada sala do CEEJA tem um celular para comunicação com os alunos –, por apresentar as fraldas sem a releitura de trabalho, mas com uma pequena inovação do tema (ANEXO 1). A aluna Luciana também foi entrevistada e, a partir de um relato dela sobre o tempo em que ela viveu no Japão, foi realizada uma pequena oficina de criação artística. Houve resistência dela, devido ao tempo. Ela entregou com atraso, e, ainda que ela tenha aceitado pouco a sugestão de focar mais na experiência individual dela e ter apresentado uma escolha de cores sem muitas reflexões, expressou-se bem pela linguagem do origami.

O mesmo tipo de oficina e orientação foi realizado com a aluna aqui não identificada. Infelizmente, ela não quis ir adiante, por motivos desconhecidos. Porém, ela apresentou uma ideia bem interessante, talvez, foi a aluna que mais mergulhou nos nossos encontros. Como ela é manicure e pinta pequenos desenhos em unhas, iria apresentar a técnica dela – pintar, com esmalte, os desenhos em uma caixa de leite longa vida para futura aplicação – abrindo as caixas de leite e as expondo, do avesso, como suporte aos seus desenhos, como um quadro.

Aconteceram “reprovações” de trabalhos que não atenderam ao tema, ressaltando que nenhum desses autores buscou orientação e o caso da aluna Camila Martins, cujas duas pinturas foram entregues uma semana após a exposição estar aberta. Ela recebeu orientação e apresentava grande sensibilidade para a pintura e para a literatura, mas, infelizmente, acabou apresentando peças aleatórias, de cópias de personagens da Disney, possivelmente, do acervo dela. Houve ainda um caso de plágio, em que a curadoria percebeu que o poema apresentado era em grande parte a letra de uma música de um grupo musical alternativo. Tirando este último caso, pela participação e empenho desses alunos, a equipe de Arte concedeu 1 ponto para a média final de cada um, na disciplina em que estivessem matriculados.

A metodologia usada nas entrevistas foi a jornalística (ALTMAN, 2004). Quem nos trouxe essa referência foi a Caroline, nossa estagiária – além de estudante de Artes Visuais, ela é jornalista. Primeiramente, era deixado claro que os entrevistados não eram obrigados a nada e eram livres para contar apenas o que quisessem, mas que o tema da exposição fosse considerado. Assim, era feita um pré-entrevista, para abordar questões relacionadas ao tema da exposição a ser montada, como: qual foi o momento mais marcante da sua vida?; hoje, qual é a história que melhor define quem você é?; qual é o sonho que você busca alcançar?. Além de questões introdutórias, de cunho biográfico, como: qual o seu nome?; data de nascimento; cidade de origem; há quanto tempo estuda no CEEJA. Estas, acabam deixando o entrevistado mais à vontade com o entrevistador e acaba, em uma resposta ou outra, mostrando ganchos para aprofundar a abordagem. Uma entrevista reveladora foi a da Rosana que iniciou dizendo que não tinha história boa para contar, mas que acabou revelando uma profunda história, com altos e baixos e superações (ANEXO 1). Os registros eram em notas e foi opção dos entrevistados não ligar o gravador do celular.

Para essas abordagens com os alunos foi muito importante a ideia de se inventar conversas (MARTINS, 2006), ou seja, diferente do curador tradicional, que faz a mediação entre a obra e o público não habituado às linguagens artísticas, nesse caso se pretende mudar o papel do educador

como mero executor, “(...) vendo-o como aquele que propõe a experiência com problematizações e escolhas, gerando “estados de invenção” (MARTINS, 2006; p. 16).

Com todo o material em mãos, partiu-se para a expografia. Uma sala foi reservada com antecedência, porém, um impasse acabou atrasando a montagem, a reserva da escola para as eleições. Contudo, a vice-diretora, prontamente, fez a mediação com a organização do TSE e conseguiu liberar a sala para a montagem na semana que antecedia a abertura da exposição, que era o dia de abertura da semana de comemorações do aniversário da escola (do dia 8 a 11 de outubro). A sala reservada, por falta de espaço físico na escola, abrigava centenas de livros didáticos. Anteriormente, definiu-se a expografia dentro do conceito de expoesis que transforma qualquer espaço em espaço de poética expositiva, é a relação da arquitetura, sua especificidade e os trabalhos que compõem a mostra. No caso de “Seja um poeta ou seja um poema, seja CEEJA”, a opção foi assumir a estrutura de uma sala de aula, denominada então de “sala de aula-museu” – cuja curadoria foi de um professor-curador –, em que as carteiras, armário, lousa e mesas se transformariam em estruturas de apoio. O armário virou uma instalação intitulada “Armário do professor-curador”, com conteúdos utilizados na concepção da expoesis (ANEXO 1). Os impressos utilizados foram diagramados na forma de folha de papel almaço (recurso muito utilizado no CEEJA) que remete às memórias da vida escolar de muitas pessoas (ANEXO 3). A fonte tipográfica, sempre nas cores de canetas esferográficas preta, azul e vermelho, era cursiva, remetendo à ideia de “letra de professor”. A lousa se tornou espaço para que os visitantes se expressassem e também se tornassem poetas (ANEXO 1). Trabalhos que serviam de porta-canetas ou enfeites de mesa, de alunos que passaram pelo CEEJA, tornaram-se “Poemas perdidos no tempo”. Os passaportes de alunos, um registro da vida escolar, preenchido cotidianamente pelos professores, transformaram-se em “Passaportes de exposição”, onde os visitantes poderiam colocar o registro de sua visita e levar embora para preencher quando visitar outras exposições. E as pilhas de livro, que pareciam ser um problema, acabaram sendo incorporados ao conceito da expoesis e se tornaram fundamentais, no sentido figurado e literal: rearranjados, passaram a ser a mesa do professor-curador, que abrigava os “Poemas perdidos no tempo”, os “Passaportes de exposição”, os textos curatoriais e o livro de visitas (com a cadeira do professor posicionada para o visitante se incorporar à “Sala de aula-museu”; também serviram de cubos para as obras, chão para as instalações, teto para outra, pedras em outro caso. O significado dessa disposição dos livros foi definido como “O conhecimento é a base para se realizar nossos sonhos”. Não o conhecimento no sentido limitado daqueles que “economizam” a educação, como citado neste relato. Mas em um sentido mais amplo, libertador que foi colocado, em linguagem acessível para o espectador da exposição, no segundo texto curatorial (ANEXO 3).

Os resultados foram positivos. Apesar do curto espaço de tempo para fazer a curadoria e acompanhar melhor os alunos em suas criações, os trabalhos selecionados revelam histórias de vida, sonhos, expectativas, beleza, lirismo, poesia e expressões artísticas legítimas. Ao visitar a exposição, ou melhor, a essa altura, já é melhor adotar o nome expoesis, os alunos participantes relataram satisfação e orgulho em ter participado e se mostraram surpresos com algumas descobertas: no aspecto formal da arte, existem muitas formas e materiais para se expressar; no aspecto emocional, descobriram que suas histórias e poemas têm valor; no aspecto social, espantaram-se com a história de colegas, professores e funcionários da escola e se sentiram mais próximos deles. O mesmo foi relatado por professores e funcionários que visitaram a exposição. Outras reações diziam respeito aos poemas escritos para as instalações, de autoria da curadoria, que emocionaram algumas pessoas. Outras se surpreendiam logo que entravam na sala, pela distribuição dos elementos, pela estética e diziam que nunca tinham visto uma exposição escolar feita dessa maneira. Ainda dentro de resultados observados, é notável a surpresa das pessoas ao entrarem na sala, bem como o interesse que elas demonstram pelas obras e histórias ali expostas. O que comprova, ainda que seja necessária uma pesquisa mais aprofundada sobre a expoesis aplicada às exposições escolares, que a arte é a melhor forma de se falar sobre ou comunicar ideias sobre arte, porque esta é tão repleta de subjetividade que necessita de mediação igualmente poética para se chegar na emoção do visitante, tocá-lo e, assim, colaborar para uma verdadeira fruição e maior compreensão de significantes, significados e contextos.

4. Referências bibliográficas

- ALTMAN, F. **A arte da entrevista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed., São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- CASTILLO, S. Salcedo del. **Arte de expor: curadoria como *expoesis***. 1. ed., Rio de Janeiro: Nau Ed., 2014.
- DUARTE, N. **Vigotski e o 'Aprender a Aprender'. Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria Vigotskiana**. 5. ed., Campinas: Autores Associados, 2001.
- DUARTE, N.; SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica e luta de classes na educação escolar**. Ed. 1. Campinas: Autores Associados, 2012.
- GADOTTI, M.; ROMÃO, J.E (Org). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 12. ed., São Paulo: Cortez 2011.
- MARTINS, M. C. (Coord.). **Curadoria educativa: inventando conversas**. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n. 1, jan./jun. 2006.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos**. V. 1., Brasília, 2002.
- SAVIANI, D; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3 ed., Campinas: Autores Associados, 2005.
- O que é o Museu da Pessoa. Museu da Pessoa*. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/museu-da-pessoa>. Acesso em: 07 ago. 2018.
- RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

5. Anexos

5.1 Anexo 1



Textos que acompanhavam: Rosana Cristina Rodrigues, nascida em Itu (SP), trabalha na limpeza da escola desde 2016. Moradora de Bauru há 10 anos, passou por tempos difíceis de doença na família. Como principal cuidadora, precisou de uma atividade para se acalmar, se concentrar e, até mesmo, se distrair. Foi nessa situação que começou a ocupar-se com trabalhos de crochê. Inicialmente, aprendeu

a técnica em revistas e foi ganhando mais habilidade nos cursos promovidos pela Igreja Batista de Bauru – onde frequentou por seis anos e também aprendeu a bordar. Tanto Rosana como as pessoas com quem ela convive, notaram mudanças: há mais serenidade em seu semblante, mais paciência em suas ações e mais calma. Enfim, como ela mesma diz "Cresci como ser humano". Além disso, os trabalhos manuais trazem alegria e satisfação para a artesã quando ela percebe a satisfação das pessoas diante de seus trabalhos.

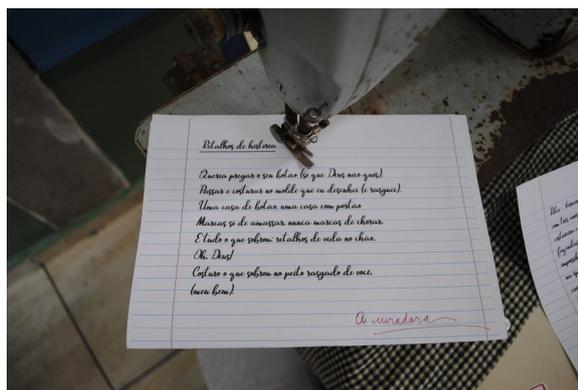
Suas agulhas são dedos?
Ou seus dedos são agulhas?
Pequenina, observo,
minha mãe a trabalhar.
Ela não sabe, mas suas
tramas, linhas coloridas
faz sua filha sonhar.
E entre dramas da vida
sua linha eu segui
no momento que a vi
de mãos paradas, no ar.



Textos que acompanhavam: Um sonho que não cabe no mar

Pode-se dizer que, quando criança, os sonhos de Marcio da Silva Carvalheiro, nascido em Santa Cruz do Rio Pardo (SP), aluno do CEEJA, cabiam em um barquinho de papel. Mas já aos 14 anos, não cabiam mais a vida confortável para a mãe, a casa própria e o trabalho em cruzeiros marítimos (sobre o qual ele sempre ouvia falar, em reportagens da TV). Determinado, colou a imagem de um navio na parede, pois o ponto de partida rumo às suas realizações era trabalhar em alto-mar. Como um aviso do porvir, mergulhou nas Águas de São Pedro (cidade do interior paulista), onde estudou hotelaria. Em 2005, a grande chance de zarpar apareceu e, aos 21 anos, depois de ganhar muita experiência como garçom e rezar nas missas de domingo, partiu para uma jornada sobre o mar, em águas nacionais. Depois de três longos meses, longe da família e dos amigos, com uma jornada de trabalho de 12 a 13h por dia e 15kg mais magro – Marcio conta que chorava muito à bordo –, começou a se acostumar com o novo trabalho e a enxergar o que tinha idealizado: bom salário, novas experiências e a oportunidade de conhecer outros países e outras culturas. E foi assim durante nove anos e meio. No Brasil, conheceu lugares como a Amazônia e Fernando de Noronha e rodou o mundo, passando por países como Uruguai, Argentina, Portugal, Grécia, França, Finlândia, Dinamarca, Rússia etc. Outros objetivos então se tornaram acessíveis: ajudar a mãe, comprar a casa própria, abrir um negócio próprio. E então, um novo sonho surgiu. Um que não cabia mais no mar: estudar para fazer o curso de Nutrição. A

motivação foi sua própria experiência à bordo. Por não se acostumar com a culinária asiática – a maioria dos cozinheiros vinha desse continente –, Marcio acabou se alimentando mal e somente se restabeleceu em terra, por meio de uma dieta recomendada por um nutricionista e com base em estudos que ele mesmo fez sobre o assunto. Com foco no vestibular, constrói-se a base para esse novo sonho: ser um aluno CEEJA.



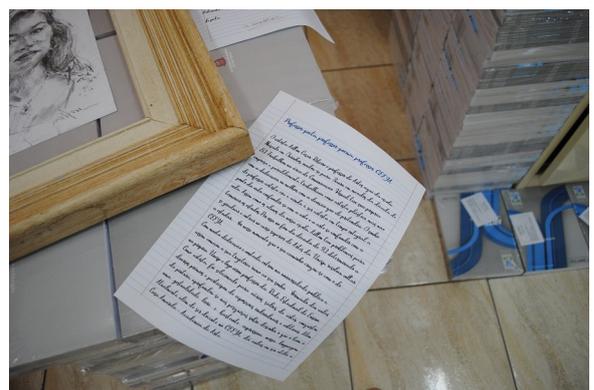
Textos que acompanhavam: Rita Ferreira de Paula, nasceu em Pongáí, interior de São Paulo, mas com três anos de idade mudou para Pirajuí (SP). Tem 85 anos, é costureira e aluna do CEEJA. Filha de colonos, viveu em várias fazendas de café. Frequentou escola regular, porém não concluiu pela impossibilidade de pagar o exame de admissão, avaliação necessária na época para cursar o 2º grau. Trabalhou muito na lavoura do café, casou e sofreu com a violência do marido que acabou a abandonando. Rita ficou sozinha com quatro filhos para criar. Passou necessidade e acabou encontrando na costura um meio de sobrevivência. Sua primeira máquina foi comprada "fiada". Talentosa, era convidada para trabalhar na casa das pessoas, inclusive, na época, trabalhou para o então prefeito de Pirajuí. Com os filhos crescidos, mudou para Bauru. Certo dia, estava na Catedral do Divino Espírito Santo (igreja da Praça Rui Barbosa) e pegou um folheto onde estava escrito: "Precisa-se de costureira". A entrevista deveria ser feita em um escritório localizado na Travessa da Boa Sorte. Com sua fé inabalável, acreditou que era um sinal de Deus e, depois de passar por um teste – montar uma camisa masculina – acabou sendo contratada. Dona Rita aposentou-se nesse emprego e continua costurando até hoje. No CEEJA, encanta e diverte a todos com os seus textos e poemas.

Retalhos de história

Queria pregar o seu botão (só que Deus não quis).
Passar e costurar no molde que eu desenhei (e rasguei).
Uma casa de botão
Uma casa com portão
Marcas só de amassar
Nunca marcas de chorar.
E tudo o que sobrou: retalhos de vida no chão.
Oh, Deus!
Costuro o que sobrou no peito
rasgado de você, (meu bem).



Textos que acompanhavam: Gilma Oliveira de Mello nasceu em Votuporanga (SP), mas já vive em Bauru há 40 anos. Trabalhou na limpeza do CEEJA por mais de 20 anos. Durante esse tempo, ficou conhecida por seus trabalhos em pintura. Basta dar uma volta pela escola para encontrar seus trabalhos pendurados nas paredes ou pintadas direto nelas. Quem frequentou a escola lembra também de seus desenhos na lousa. Quando era criança, Gilma encontrou tinta guache e um estojo jogados no lixo. Sem entender porque, já amava pintura e, imediatamente, levou o material que seria descartado para casa. Ao abrir o estojo, no entanto, viu que estava vazio. Criativa, fez um pincel com a ponta das cerdas da vassoura da mãe e pintou sua primeira paisagem, tema preferido da artista até hoje. Quem olhava superficialmente para a Gilma, em suas idas e vindas cuidando da limpeza da escola, achava que seus instrumentos de trabalho eram apenas os materiais de limpeza. Mas quem prestou atenção e foi tocado por seus trabalhos, sabe que ela também usava instrumentos de uma verdadeira poeta: o olhar, as mãos, a sensibilidade, o pincel e as tintas. Atualmente, ela continua pintando, com seus próprios pinceis – e a vassoura, ou serve para varrer, ou é modelo para compor uma cena a ser retratada.



Textos que acompanhavam: Professor-poeta, professor-poema, professor CEEJA

O artista Ailton Cesar Ribeiro é professor de Artes aqui da escola. Nascido em Ourinhos, mudou-se para Bauru em meados da década de 80. Trabalhou na área de Comunicação Visual, teve sua própria empresa e, paralelamente, trabalhava como artista plástico, mas não com a dedicação, ou melhor, com

a devoção que ele pretendia. O sonho do professor-artista era e, ainda é, ser artista em tempo integral, a ponto da vida confundir-se com a arte e a arte se confundir com a vida. Devido a problemas na escola em sua infância, Ailton não terminou os estudos. Por isso, no fim da década de 90, determinado a se graduar e entrar no curso superior de Artes da Unesp, resolveu voltar a estudar. Foi nesse momento que o seu caminho cruzou-se com o do CEEJA. Com muita dedicação e vontade, entrou na universidade pública e, assim, começou a sua trajetória rumo ao seu sonho. Formado, deu aulas na própria Unesp e logo virou professor da Rede Estadual de Ensino. Como artista, foi selecionado para vários salões de artes, conquistou diversos prêmios e participou de exposições individuais e coletivas. Além da pintura, aprofundou-se nas pesquisas sobre desenho, o que o levou a uma gestualidade livre e bastante expressiva nessa linguagem. Atualmente, além de ser docente no CEEJA, dá aulas em seu ateliê, a Casa Amarela – Academia de Arte. Sua última exposição individual foi “Enquanto repousam as rosas”, na Pinacoteca Municipal de Bauru. Em 2017, entre os meses de abril e maio, teve duas pinturas expostas na mostra coletiva “Art to the world”, com a curadoria de Geni Settanni, em Toulouse (França) e Porto (Portugal).

O seu olhar pousa sobre as naturezas
o seu coração derrete-se em tinta
a respiração desenha em carvão
e a mão...é angústia!
Por ser instrumento das coisas concretas,
enquanto todo o ser poeta
deseja expressar o impossível
o invisível
o inalcançável
o inominável ser abstrato
que habita toda matéria – ou o entorno dela.
Vive a se esconder, na escuridão
dos significados ou na clareza
de seus predicados.
A única razão que o encontra
é a emoção
destemida e sofrida do poeta.



Textos que acompanham: O professor Cid quis que apenas o poema dele em homenagem à sua

musa, Mariana Ximenes, aparecesse na instalação. O texto dele foi colocado sem passar por impressão, foi exposto com a caligrafia dele. Ao final da exposição, o poema foi devolvido.



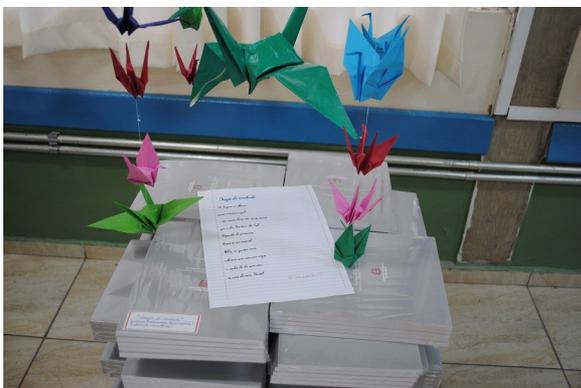
Textos que acompanhavam: Sede de água e de história

Carol Ferreira é estagiária de Artes no CEEJA. Nascida em São Bernardo do Campo, vive em Bauru há dois anos. A obra *Sede (de água)* representa camadas arqueológicas – por isso, os livros são como pedras de uma escavação. Essas camadas, por sua vez, representam o sentimento histórico da artista sobre a história da América Latina.

A camada de cerâmica vermelha é a “Primitiva”.

A camada de cerâmica branca é a “Colonizada”.

A camada rosada é a “Modernizada” e, finalmente, a camada de concreto é a “Contemporaneidade”.



Textos que acompanhavam: Desejos de saudade, da aluna Luciana Mitsunaga.

Do Japão, eu olhava
para o mesmo azul
- ora mais claro, ora mais escuro
que o da América do Sul.
Povoado de pássaros,
livres ou mecânicos!
Neles, eu queria voar,
aliviar meu coração vazio
e enchê-lo de novo com
os ares do meu Brasil.

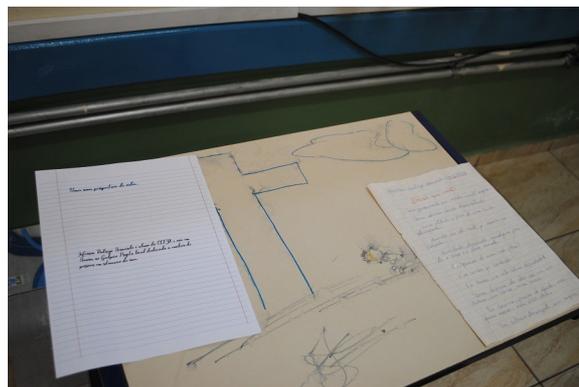


Textos que acompanham: Uma mãe mais do que especial

Evany Gomes Tavares Paes nasceu no estado do Alagoas e mora em Bauru há 22 anos. Ela e mais quatro irmãs vieram para São Paulo encontrar com o pai, retirante da fome e da seca no Nordeste. Aos 15 anos, engravidou e, por sentir vergonha, saiu da escola. Acabou, infelizmente, perdendo o bebê e entrando em depressão. Algum tempo depois, deu luz à Maria, prematuramente, após uma gestação complicada e que deixou sequelas na criança. Tornou-se, como ela diz, uma “mãe especial”. Por três anos, viu a filha crescer na APAE e tudo o que tinha sido previsto pelo médico se desfez pelo trabalho da instituição. Hoje, Maria anda, fala, brinca e estuda e, há mais de um ano, não tem crises epiléticas.

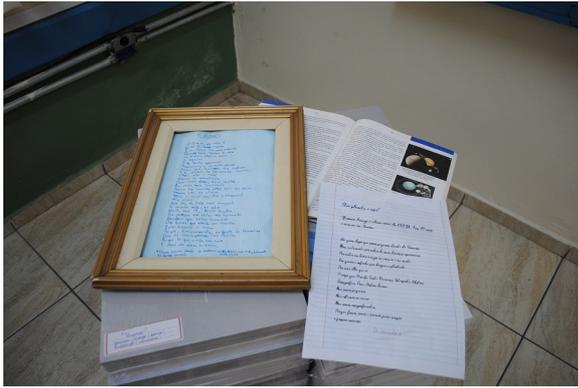
Em 2015, nasceu João, de uma gravidez tranquila e parto normal. Ainda pequenino, foi diagnosticado com altismo leve. Evany, que já era “mãe especial” virou uma “mãe mais do que especial”, tanto que seu filho, hoje com três anos, frequenta a escola de educação infantil, ama cores e gosta de comida seca (caldo de feijão nem pensar!).

O mais esperado era que, exercendo esse papel de super-mãe, Evany nem pensaria em retornar para a escola. Porém, foi pelo desejo de dar uma vida melhor ao João e à Maria que ela voltou a estudar. Atualmente, além do CEEJA, está fazendo o curso técnico de enfermagem – inspiração que ela teve ao cuidar de seus dois filhos e tem sua própria marca de artesanato: “João e Maria”.



Textos que acompanham: Uma nova perspectiva de vida

Jeferson Rodrigo Bernardo é aluno do CEEJA e vive em Bauru, no Galpão Projeto, local dedicado a cuidar de pessoas em situação de rua. Havia um poema manuscrito do aluno, que também foi devolvido. Nele, ele contava sua história de superação. Também um desenho dele, feito com canetinha direto na mesa, de um homem ajoelhado diante de uma cruz.



Textos que acompanhavam: Que planeta é esse?

Yasmin Araujo é aluna nova do CEEJA. Tem 19 anos e nasceu em Bauru.

Há quem diga que somos pequenos diante do Universo...

Mas exatamente por saber de suas diversas aparências

Por sentir um buraco negro no coração e na mente

Por querer o infinito, por desejar a plenitude

Por ser o olho que vê

O corpo que

Percebe

Sente

Raciocina

Interpreta

Abstrai

Ressignifica

Cria

Destrói

Recria

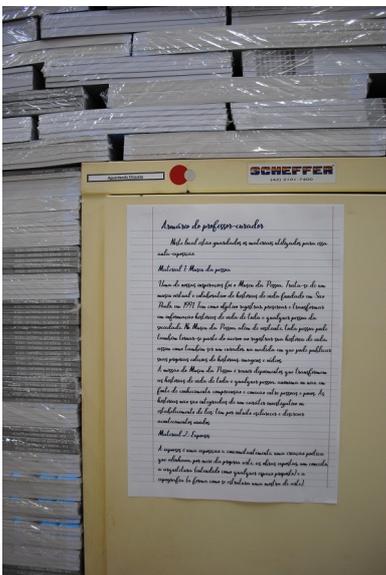
Não somos pequenos

Não estamos no vácuo

Não somos insignificantes.

Porque fomos, somos e seremos para sempre

o próprio universo.



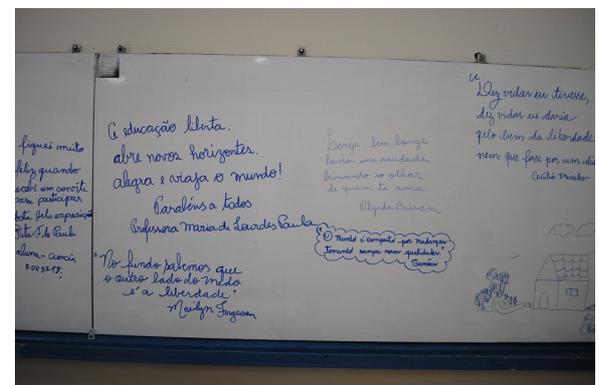
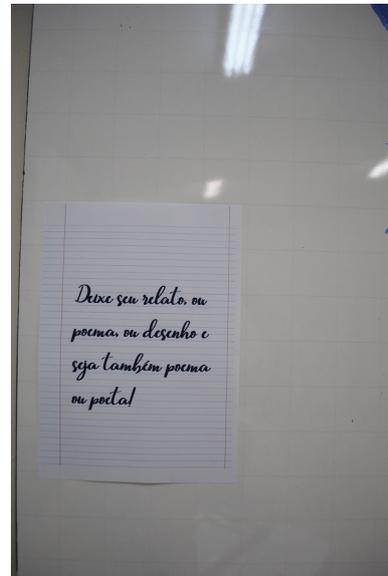
Textos que acompanhavam: Armário do professor-curador e texto da foto, à esquerda.





Textos que acompanhavam: **Mesa do professor-curador**

Nesta mesa, encontravam-se os textos curatoriais (Anexo 3), o livro de visitas e os trabalhos guardados na Sala de Arte, ao longo dos anos, os “Poemas perdidos no tempo”.



Textos que acompanhavam: **Lousa-instalação**

Deixe seu relato, ou poema, ou desenho e seja também poeta ou poeta.

5.2 Anexo 2

Visão geral da exposição



5.3 Anexo 3

Textos curatoriais

"Seja um poeta ou seja um poema, seja CEEJA"

Esse pequeno verso, foi proposto como tema de uma exposição a alunos e funcionários do CEEJA "Presidente Tancredi Neves", com o objetivo de realizar uma mostra em que a comunidade escolar pudesse se conhecer melhor, se aproximar mais, ou ainda, se surpreender com histórias e poesias desconhecidas até então e, assim, reforçar princípios básicos da educação de jovens e adultos, principalmente, no que diz respeito ao diálogo, ao respeito, à colaboração e à confiança entre alunos e educadores.

Definiu-se dois caminhos como apontado no tema: o participante ser um poeta e apresentar um trabalho artístico; ou, para aqueles que não se sentissem aptos a produzir uma obra de arte, apresentar um relato sobre sua vida, seus sonhos, realizações etc.

Contudo, devido à complexidade inerente ao ser humano, recebemos sim poesias de poetas, mas também recebemos poetas que não sabiam ser tão cheios de poesia. Quando nos demos conta, tínhamos em nossas mãos e corações, trabalhos repletos de memórias, lirismo e delicadeza que compunham pelo uso de imagens, palavras e objetos, verdadeiras instalações artísticas, onde os dois caminhos - ser poeta ou ser poema - cruzavam-se e enriqueciam a exposição.

O conhecimento é a base para realizar sonhos

É comum associarmos os sonhos a imagens de nuvens, céu, escadas. Sempre nos levando para o alto e para longe. Quantas vezes não projetamos desejos e ideias para o futuro e, depois, nos frustramos por não alcançarmos aquilo que planejamos. Essa exposição escolar pretende jogar alguma luz sobre o caminho daqueles que sonham e refletir sobre como acreditar, ter fé e sonhar é sim importante. No entanto, por sermos seres humanos, corpos concretos, que vivem e sentem o agora e todas as implicações históricas, políticas, sociais e culturais, é necessário também construir bases sólidas para os nossos sonhos. Em um mundo de tanta desigualdade, a única coisa que podemos ter de verdade, além dos nossos laços afetivos, é o conhecimento. Apenas ele nos torna prontos para ler e interpretar o mundo para podermos, assim, caminhar em direção aos nossos objetivos de vida. Quando pensamos em uma dimensão mais coletiva para esses sonhos, como os de justiça social e igualdade de direitos, por exemplo, apenas o conhecimento pode nos fazer enxergar caminhos para agir em prol de uma mudança profunda para que todos, sem exceção, tenham dignidade e a chance de também acreditar.

Nesse aniversário, uma de nossas realizações é essa exposição. Ao explorar os espaços da sala de aula, poeticamente, projetamos o nosso sonho: o de homens e mulheres autônomos, ativos, pensantes, detentores e propagadores de conhecimento. Este representado simbolicamente pelos livros de estudo do próprio CEEJA.

Quem frequenta a nossa escola, está habituado com os passaportes dos alunos. Aqui na exposição temos o passaporte do visitante, um convite para conhecer nossa poesia, refletir sobre os caminhos que podemos trilhar na vida e, quem sabe, embarcar na bela aventura que é ser um poeta ou mesmo um poema.